

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

A ÉTICA DOS ENCONTROS:
AS CONTRIBUIÇÕES DE FREUD E MARCUSE
PARA UMA SOCIEDADE NÃO-REPRESSIVA

DOUGLAS DE MELO FERREIRA TORQUATO

UBERLÂNDIA

2018

DOUGLAS DE MELO FERREIRA TORQUATO

**A ÉTICA DOS ENCONTROS:
AS CONTRIBUIÇÕES DE FREUD E MARCUSE
PARA UMA SOCIEDADE NÃO-REPRESSIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à banca avaliadora como
requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel em Filosofia, sob a orientação
do Prof. Dr. Humberto Aparecido de
Oliveira Guido.

UBERLÂNDIA

2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Humberto A parecido de Oliveira Guido
IFILO/UFU – Orientador

Profª Drª Georgia Cristina Amitrano
IFILO/UFU

S U M Á R I O

Introdução	05
Desenvolvimentos	10
Considerações Finais	24
Referências Bibliográficas	26

INTRODUÇÃO:

“Eu também tenho um crochet.
Data de desde quando comecei a pensar...
Malhas sobre malhas formando um todo sem todo...
Um pano que não sei se é para um vestido ou para nada.
Uma alma que não sei se é para sentir ou viver...

Olho-te com tanta atenção que já nem dou por ti...
Crochet, almas, filosofias...
Todas as religiões do mundo,
Tudo quanto nos entretém ao serão de sermos...
Uma volta, o silêncio, uma agulha, o tricot.”
(9/08/1934 - Álvaro de Campos, pág 263).

Esta monografia foi elaborada a maneira de um ensaio, para comunicar uma articulação de ideias e conceitos a respeito da filosofia da história, psicanálise e esquizoanálise. O trabalho deste aluno será não só de explicitação, mas de demonstração da concretude e da vacuidade dos conceitos a serem trabalhados e correlacionados, a partir do ponto de vista do jovem autor-aluno de 22 anos. Apresentaremos categorias psicanalíticas e metafísicas, contudo, acreditamos que elas convergem, e até mesmo se convertem, em categorias políticas. Concordamos com o posicionamento do materialismo histórico dialético de que o modo de produção da vida material determina o carácter geral dos processos da vida social, política e espiritual. “Não é a consciência dos homens o que lhes determina a realidade objetiva, mas, ao contrário, a realidade social é que lhes determina a consciência.” (MARX; ENGELS, 2001, p. 54.). Acreditamos também, que não é possível escrever um texto isento daquilo que acreditamos ou desejamos.

Afirmamos, desde já, que a super-estrutura, a cultura, ergue-se em relação direta com o modo de produzir a vida material. O pensar e os produtos do pensar são determinados pela infra-estrutura, o modo de produção distribuição e consumo. O ser-social determina a consciência dos indivíduos. A realidade concreta, é, primeiramente, sócio-política, econômica, ecológica, e só depois é psicológica, metafísica. Contudo, observamos a necessidade de incluir um terceiro termo nessa dialética (infra-estrutura e super-estrutura, material e ideal, razão pura e particular, objetivo e subjectivo, etc.) e fazer uma triálética: observemos relação da indústria e da natureza: uma retira da outra seus materiais e lhe restitui os resíduos do processo que produz uma na outra. Encontramos

por toda parte esta substância auto-causadora única: a Natureza, como processo de produção¹.

O ponto de vista de Deleuze e Guattari dá expressão à imanência do naturado e do naturante, que há uma só e mesma substância essencial, uma só realidade, do produzir e do produto. Partiremos, portanto, da premissa a ser demonstrada, de que os problemas psicológicos em conexão com as potencialidades do corpo do indivíduo são, assim como um rizoma, fundamentalmente problemas sociais e materiais, e estes carregam uma herança histórica, estrutural, mas tudo como processo de produção, processos que se produzem por engendramento. Buscaremos nos apropriar dessa fundamentação materialista que nos chegou por intermédio do materialismo histórico, com ele avançaremos em todas as direções: ao encontro de Espinosa e sua ética, Hegel e sua filosofia da história, Marcuse e Freud e a sociedade não-repressiva, Deleuze e Guattari e a esquizoanálise. Vislumbraremos uma teoria da sociedade e exploraremos a possibilidade da transformação social a partir de uma análise crítica da psicanálise freudiana feita por Marcuse, da filosofia da história de Hegel e da esquizoanálise de Deleuze e Guattari, que se fundamentam na *Ética* de Espinosa.

A proposta de investigação deste trabalho consiste na avaliação da possibilidade lógico-histórica de uma sociedade não-repressiva, em Marcuse e Freud, e sua relação com o princípio de prazer, o que nos permitirá conduzir a investigação da relação destes

¹ “O que quer dizer processo aqui? Em um certo nível é provável que a natureza se distinga da indústria: por um lado, a indústria se opõe a natureza, por outro, absorve os materiais dela, por outro, ainda, ela lhe restitui os resíduos etc. Esta relação distintiva homem-natureza, indústria-natureza, sociedade-natureza, condiciona na própria sociedade, a distinção de esferas relativamente autônomas que chamaremos de “produção”, “distribuição”, “consumo”. Mas este nível de distinções gerais, considerado na sua estrutura formal desenvolvida (momento atual do capitalismo), pressupõe, como Marx mostrou, não só o capital e a divisão do trabalho, mas também a falsa consciência que o ser capitalista tem necessariamente de si e dos elementos cristalizados do conjunto de um processo. É que, na verdade - na ruidosa e obscura verdade contida no delírio (inconsciente) - não há esferas nem circuitos relativamente independentes: a produção é imediatamente consumo e registro, o registro e o consumo determinam diretamente a produção, mas a determinam no seio da produção. De modo que tudo é produção: produção de produções, de ações e de paixões; produções de registros, de distribuições e de marcações; produções de consumos, de volúpias, de angústias e de dores. Tudo é de tal modo produção, que os registros são imediatamente consumidos, consumados, e os consumos são diretamente reproduzidos. Tal é o primeiro sentido de processo: inserir o registro e o consumo na própria produção, torná-los produções de um mesmo processo.” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 14).

problemas com o modelo de inconsciente proposto por Deleuze e Guattari, na obra *Capitalismo e Esquizofrenia 1 – O anti-Édipo*, sua relação com a *Ética* de Espinosa e sua relação com o problema da história universal originalmente colocado por Hegel.

Levantado estas referências digo que o arcabouço conceitual e as terminologias que iremos explorar remontam à filosofia moderna e contemporânea, contudo, não queremos permanecer interminavelmente decalcando conceitos e palavras bem situadas, uma vez que a escrita do trabalho deverá ser, por uma questão de embate, rizomática, nômade, pop, servindo-se de slogans, uma escrita nômade e livre, jamais arborescente² ou arquitetônica, pois o texto buscará estar aberto, estar sendo constantemente escrito, compreender o fora, a alteridade, e não o hermético do livro, do conceito, dos autores, buscamos entender que linhas de força e de produção os textos tocados traçam entre si. Deleuze e Guattari nos dizem:

2: O pensamento não é arborescente e o cérebro não é uma mataria enraizada nem ramificada, [...] o próprio cérebro é muito mais uma erva do que uma árvore, apesar de muitas pessoas terem uma árvore plantada na cabeça. [...] Não é fácil perceber as coisas pelo meio, e não de cima para baixo, da esquerda para a direita ou inversamente: tentem e verão que tudo muda. [...] Não é fácil ver a erva nas coisas e nas palavras, Nietzsche dizia da mesma maneira que um aforismo devia ser ‘ruminado’ e jamais um platô é separável das vacas que o povoam e que são também as nuvens do céu. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 46/47).

Queremos revisitar os textos, mas também almejamos produzir encontros que possam ser inéditos, não pela raiz, não pela árvore, não pelo uno mas pelo múltiplo que não para de se multiplicar, de se reproduzir. Ir pelo caminho do meio, crescer no meio, como a erva, em diálogos, para então se diferenciar e por contágio, marcar, produzir e reproduzir. O contagiado contagiante em processo de análise e composição. *Solve et Coagula*. O nosso foco está no constante processo de criação de devires e revires, na produção do texto autoral, na consciência crítica, na potência para agir, que por vezes nos faz inimigos do texto, mas só para abraça-lo novamente em reconciliação, tudo ao seu tempo, tudo ao mesmo tempo, o foco deve estar no corpo, e não apenas no texto, não apenas nas ideias mas na voz e na entonação, nos cortes e fluxos do discurso.

A investigação propriamente dita estará apoiada na teoria de Freud, sobre surgimento da civilização e do indivíduo, e trataremos de expor como Marcuse interpreta

² “escrever a *n-I* (toda enunciação individuada permanece prisioneira das significações dominantes, todo desejo significante remete a sujeitos dominados).” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 45).

o conceito freudiano de princípio de realidade para transformá-lo, tendo em vista sua teoria da mudança social e da possibilidade lógico-histórica de uma sociedade não-repressiva. Trabalharemos a correlação do princípio de prazer e sua adequação ao modelo de inconsciente dos autores da esquizoanálise. Portanto, é através de um uso ativo e autônomo dos textos, dos conceitos, dos autores e da razão livre, que buscaremos desenhar um mapa conceitual dos problemas tocados, evitando fazer, como já dissemos, apenas um decalque de conceitos no domínio teórico, para podermos avançar nas investigações, e chegar inventando terrenos inexplorados. Acreditamos que qualquer esboço autônomo e autoral, mesmo que precário, é melhor do que a reprodução e o decalque, não queremos lançar mão de argumentos de autoridade, antes, desejamos experimentar e bem colocar os problemas sem a pretensão de resolvê-los, desejamos, antes de tudo, apenas sobrevoar este vasto território.

Este trabalho de conclusão de curso busca evidenciar a relação própria deste aluno com a filosofia. Como foi dito por Bergson: o verdadeiro é tido como parte do processo de criação. A criação é verdadeira. A formulação dos problemas e a sua colocação se dará na tentativa de afastar os falsos problemas que são como cascas que nos fazem perder de vista o cerne dos problemas reais, deveremos reconciliar criação e verdade. Não precisamos de modelos, desejamos uma leitura e uma escrita autóctone, autônoma, nômade; queremos a suspensão de julgamentos e avaliações. Dito, pois, que este texto é um objecto técnico para resolver e colocar problemas ontológicos, sociais, etc., é efetivamente um trabalho de conclusão de curso possivelmente impossível, sua didática provavelmente sairá tortuosa, é escrito, durante 6 meses, mais ou menos, em meio a xícaras de café, stress cotidiano e outras substâncias e devires moleculares, umas mais ilícitas que as outras, resumindo: é mal escrito, pesado, penoso, de imagens abstratas e frenéticas, atravessadas por raios de virtuais demiurgos, esquizofrênicos, incoerentes, sentimentais. Contudo é essencialmente teórico e conceitual. Seria um objecto de arte? Possui uma estética? Gosto próprio? Uma expressão do ser singular do aluno?

Talvez apenas deseje tudo isso e não alcance nada, ou nada mais que o decalque. Talvez nem alcance o decalque. Veremos. Possui muitas linhas de fuga, vontade de viver o espírito sessentista da experimentação lisérgica, vontade de subverter a lógica, a moral, etc. é demasiadamente convencido e em se tratando de provas, duvida da necessidade de provar a sua decência. Situa-se em um meio, por vezes acolhedor, por vezes hostil, mais hostil que acolhedor, tanto a suas ideias quanto ao seu exercício, que é

o seu país, sua vizinhança. Contudo é um trabalho que visa a transformação do aqui e o agora: construir, aprender para a vida, para o prazer. Pensamos no coletivo, desejamos empatia, diversidade, multiplicidade de vozes.

Negamos os sistemas idealistas para conferir imagem concreta a tudo que é horror, cruel, nada, mistério, fatalidade, exploração, escravidão, fascismo - no fundo das coisas da vida. Desvalorar a consciência em proveito do corpo e do pensar: Imagens do Cosmo. Desvalorar todos os valores, sobretudo os de bem e mal. Negar a transcendência e o ideal separados do real. Libertar de direcionamentos os modos de expressão do ser, conviver em harmonia e com maturidade, centrado na relação, no consenso, na ousadia e alegria, desvalorar as paixões tristes e ilusões transcendentais.

A nossa lógica contém o terceiro incluído, ou seja: princípio de identidade (A é A) e de contradição (A não é não-A), com o da inclusão (A, não-A, e T) pois “T” está simultaneamente em A e não-A. Imagens do plano de imanência. Imagens das multiplicidades. Uma tese fundamental: a existência do mundo só se pode justificar em fenômeno estético, que necessita ser produzido, materialmente, experimentado. Acreditamos que após esta longa apresentação e introdução estamos prontos para bem colocarmos os problemas e conduzi-lo a formar-se um misto consistente.

DESENVOLVIMENTOS:

Hegel (1998, p. 45) em sua Filosofia da História fez as seguintes afirmações:

O único pensamento que a filosofia aporta é a contemplação da história, é a simples idéia de que a razão governa o mundo, e que portanto a história universal é também um processo racional. [...] a história universal é a representação do espírito no esforço de elaborar o conhecimento de que ele é em si mesmo. [...] a história universal é o progresso na consciência da liberdade - um progresso cuja necessidade temos de reconhecer.

O espírito é em si mesmo e por si mesmo, a matéria tem sua substância fora de si.

A razão é imanente à existência histórica e nela se realiza. O homem só é fim em si mesmo por meio do divino que reside nele, do que foi chamado de Razão, desde que ativa e autodeterminante, ou seja, o que denominamos liberdade.

Esse bem em sua representação mais concreta é Deus. Deus governa o mundo, e o conteúdo de seu governo, a realização de seu plano, é a história universal. É necessário observar a forma que é a realização completa do espírito na existência: o Estado.

Realizei esta longa citação porque discordo de tudo o que está ali. Este texto de Hegel foi um dos únicos que me causaram desprazer ao lê-lo durante a graduação. Início minha crítica dizendo que a filosofia comporta muito outros pensamentos do que apenas a contemplação-reflexão da história, e que ao realizar esta contemplação percebo que não é a Razão, como instância objectiva absoluta que governa a história, a história universal claramente não é um progresso racional, não é uma representação, é caos, pois é o processo de produção, é guerra de potências, de agenciamentos. O indivíduo é que produz seu modo de existência, o homem é produzido por si mesmo e pela cultura, pelo modo como produz e pelo o que produz em um frenético produzir, o homem não é puramente racional, nem a produção dos afetos e devires, nem a produção industrial. Os indivíduos dependem diretamente de sua produção material. A determinação do curso da história é efetivada por homens particulares e não pelo espírito absoluto, nem por Deus e nem pela Providência, instâncias transcendentais que trataremos de negar, por uma questão de valor. Valoramos o corpo.

Deleuze e Guatarri nos dizem no *Anti-Édipo* e em *Mil Platôs* que existe, todavia, uma experiência Real, que pode ser traduzida pelo nome de História Universal: plano de imanência, objetividade, registro. Um só corpo, com toda multiplicidade de corpos e microcorpos reunidos, mas, segundo estes autores, seu conteúdo é contingência: de carácter histórico, sócio-político. Nesta interpretação não há essências eternas, nem esferas transcendentais desligadas do Real histórico. Tudo devém possível, o Real é algo em devir, tudo pode deixar de ser para tornar a ser, nada é necessário, tudo é contingente-imanente. Nada disso é novo para o inconsciente, nos dizem os autores, para eles há apenas multiplicidades moleculares, agenciamentos e hecceidades (individuações sem sujeito fixo), rizoma, marcações e delimitações de territórios, guerra por territórios, sejam físicos ou semânticos por exemplo, ao inconsciente sempre está dada a questão da produção, do consumo molecular, do registro territorial. A natureza como processo de produção. Multidões, de proletários, de estudantes, de ratos, de baratas. Proles, povoações. Contágios, farmácias, os vizinhos e parentes. Usina. Estes autores nos dizem: lidamos constantemente com a história universal, mas é a da contingência. Em cada caso e questão o problema é: como se realiza cada produção de encontro? De que corpos reais com que outros corpos reais? de que histórias? de que registros com que outros registros? de que coisas com que outras coisas? Com que duração? Com que intensidade? Com que intensão? Em que territorialidades? Como eles se dão? Para ilustrar eu digo: pensem o encontro dos portugueses com os índios nas terras brasileiras por exemplo, seria uma vontade de Deus ou uma descoberta ao acaso e uma consequente invasão, massacre, colonização. Isto tem haver com o que nos ensinam ou deixam de ensinar na escola. Na natureza, nos dirá Espinosa, há somente relações, hora de composição, outra hora de decomposição. Não há essência moral objetiva racional. A chegada dos portugueses decompõe a relação dos índios porém compõem uma relação com a colônia, a qual os índios serão obrigados a compactuar mesmo que escravizados e cristianizados para não morrer.

A afirmação de Hegel de que os primeiros traços do espírito contêm também toda a história universal nos parece tão equivocada quanto a afirmação de que já atingimos a finalidade da história universal: o todo moral, a liberdade: o conceito da razão. Duvidamos muito de que a configuração desse princípio racional deva ser o Estado e a civilização historicamente dados, o que este autor nos propõe em sua *Filosofia da*

História? A aposta de Hegel no estado civil burguês como única e plena realização da liberdade, a Europa como manifestação absoluta da razão, é, para nós, uma gafe filosófica em diversos sentidos, a negação da razão das alteridades é um deles, por exemplo, o culto ao progresso racional, a ideia de desenvolvimento unilinear, etc. Ideias que fortalecem o processo de neo-colonização, e de projetos de educação que promovem o apagamento da liberdade de identidade das diversas culturas. O que, não obstante, vem a ser uma demanda do capitalismo: educar, escolarizar, cristianizar todos os povos. A verdade é que as grandes indústrias necessitam de mão-de-obra cada vez mais barata para lucrar e precisam invadir outros países, o processo escolar assemelha-se ao processo industrial, porque a educação é voltada para indústria.

É inevitável admitir que a única força universal e necessária, evidente do espírito, é a própria contingência, ela mesma é a “razão” que governa universalmente o mundo: os devires de todas as pessoas particulares envolvidas nos processos de produção e administração da vida e do trabalho, o processo de produção engendrando a vida particular e vice-versa. Concordamos com Hegel que a história revela uma experiência da consciência, um desdobramento do espírito. Contudo, ao contrário de Hegel que afirma que a Razão governa o mundo diremos que o Desejo o governa, já que neste nível estamos privilegiando um dos afectos humanos, que na verdade, em essência são múltiplos. Marcuse (2010, p. 12) nos diz:

Hegel pensou que ‘as feridas do espírito se curam sem deixar cicatrizes’. Acreditava que, no nível atingido de civilização, com o triunfo da razão, a liberdade se convertera numa realidade. Mas nem o Estado, nem a Sociedade, consubstanciaram a forma suprema de liberdade. Por mais racionalmente que estejam organizados, a carência de liberdade ainda aflige ambos. A verdadeira liberdade está só na idéia. [...] A libertação do reprimido é sustada na idéia e no ideal. [...] Nenhuma liberdade espiritual e transcendente pode compensar os alicerces repressivos da cultura. As ‘feridas do espírito’, se acaso curam, deixam cicatrizes de fato. O passado torna-se senhor do presente e a vida um tributo à morte.

Antes de discutir a posição do pensador da Escola de Frankfurt, é oportuno considerar o que Deleuze e Guattari (2010, p. 43) nos diz também:

Se o desejo produz ele produz Real. Se o desejo é produtor, ele só pode sê-lo na realidade, e de realidade. O desejo é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção. O real decorre disso, é o resultado das sínteses passivas do desejo como autoprodução do inconsciente. Nada falta ao desejo: só a sujeito fixo pela repressão. O desejo e seu objeto constituem uma só e mesma coisa:

máquina de máquina. O desejo é máquina, o objeto do desejo é máquina conectada, do modo que o produto é extraído do produzir e algo se destaca do produzir passando ao produto e dando um resto ao sujeito nômade e vagabundo. O ser objetivo do desejo é o Real em si mesmo.

O desejo não é uma falta, a carência tem de ser produzida e distribuída. Há uma produção, distribuição e consumo da falta. Não há no mundo a falta de objeto qualquer, o desejo e seu objeto são uma só realidade, máquina que produz cortes e conexões com outras tantas máquinas – humanas, inumanas, virtuais, naturais, artificiais. A psiquiatria materialista de Deleuze e Guattari se define pela introdução do desejo na produção. Só há um devir, uma produção, que é o da realidade, e a diferença da produção social e da produção desejante está no fim e não no começo, isso quer dizer: as necessidades são contraproduzidas no real que o desejo produz. A produção é anterior ao capital. Cito os autores: “Não é o desejo que exprime uma falta molar no sujeito; é a organização molar que destitui o desejo de seu ser objetivo.” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 44.) A organização molar é o capitalismo, as instituições, o super-ego, em certo nível o complexo de Édipo. Os artistas, os revolucionários, nos dizem os autores, contentam-se apenas em serem objetivos, em produzir-se, eles estão próximos as ervas, espoliados e mal-alimentados, sem um centavo no bolso, quem mergulha na vida e a significa a sua maneira, não mantém ilusões como as de dever, procriação, família, defesa do Estado. “Seu desejo só tem ‘necessidade’ de poucas coisas”, a falta é um produto do capitalismo, para engendrar produção, é arte de uma classe dominante.

Ninguém nasce racional e, da mesma forma, ninguém nasce social; desse modo, a cultura e a civilização só podem ser pensadas como o produto de um devir: a história, a educação. Os problemas da história, da educação, da política, da psicanálise e da esquizanálise que são empregados neste ensaio podem ser assim explicitados: como os homens vieram a ser sociais? A que preço tornamo-nos civilizados? Como, segundo Freud, funciona a subjugação e sublimação das pulsões e instintos mais primitivos do homem e seu domínio e controle? Qual a relação da instância civilizatória na exploração e dominação do homem pelo homem? O que é e qual o papel da Consciência? e do Desejo? E do inconsciente? Que forças determinaram as produções reais e concretas de Devir que nos trouxeram até este momento da história universal? Como os instintos animais convertem-se em impulsos humanos? Certamente, são muitas questões, as quais em conjunto ultrapassam o que comporta um ensaio filosófico, o meu aqui e agora se encarregará de engancha os encontros possíveis com o que manifestado acima, o aqui e

agora perpassa toda a multiplicidade de forças imanentes determinantes dos devires e dos processos de todos nós aqui presentes. Estes corpos aqui que são, de fato, corpos que perpassam toda a multiplicidade do Real, até onde vai seu poder de agir e de existir? O quanto estes corpos podem sofrer, serem afectados, e o quanto são capazes de afetar, representar e produzir? Qual sua potência fenomenológica? Qual sua capacidade de percepção? O que estes corpos produzem e consomem constantemente? O que registram? Estes corpos, certamente, desejam algo, antes necessitam de algo, mas estes corpos capturam a subjetivação do seu desejo? Estes corpos capturam sua potência de produção de Real no Real? Até onde percebem o processo da Potência do Desejo na Mecânica? O que realmente sabem sobre suas neuroses? O que pode cada corpo?

Deleuze dizia nos *Cursos sobre Spinoza*: “Jamais um moralista define o ser humano pelo o que ele pode, mas procede pretendendo definir o que ele é: sua essência. [...] Um moralista definirá o homem por animal racional”. Contudo, racional não é essencial, mas uma parte do que é, apenas algo que o homem pode ser ou não ser, ou deixar de ser ou voltar a ser, um atributo. A essência é portanto igual a totalidade da potência, e não apenas uma parte. A essência do modo, por sua vez, está de acordo com seu grau de potência, que é parte da potência divina, ou seja, parte intensiva ou grau de intensidade: atributo: aquilo que o modo em seu grau de potência lhe determina como constituindo sua essência: sua causa eficiente: sua experiência estética, antes de mais nada, sua capacidade fenomenológica, sua potência de percepção e ação em constante ato, devir. Isto é algo que fica retido dos *Cursos sobre Spinoza*: “A potência do homem, enquanto se explica pela sua essência atual, é uma parte da potência infinita de Deus ou da Natureza”. Na *Ética* (I, 4), Espinosa afirma a unidade substancial de Deus e da Natureza (*Deus sive natura*), uma unidade viva que é expressa pela multiplicidade e não pelo Uno, o substancial é pluralidade materialista em conjunção, imanência, Deus como um plano de imanência: a Natureza, uma tese que nega a existência de um Deus moral, racional, criador, transcendente.

Quando um modo (corpo) passa à existência é determinado por partes do exterior que entram em relação com suas partes interiores, sua essência é portanto, definida por Espinosa como *Conatus*, ou apetite: o poder de afetar e ser afectado, essa ação se concretiza em afecções (*affectio*) e afetos (*affectus*), ambos são causas materiais. O substancial, embora seja atributodo Ser – Natureza –, ele tem sua realidade nos modos de existência, pois estes se relacionam constantemente, tais afecções e afetos são, pois,

percebidos como imaginações e paixões, corpos e micro-corpos, devires molares e moleculares que atuam sobre o corpo e a consciência. A figura do *conatus* não seria pois a pulsão? aquilo que determina um modo a produzir inconscientemente? Estas afecções que determinam o *conatus* são causa da consciência: “o conatus, tornado consciente de si sob este ou aquele afeto chama-se desejo, sendo este sempre desejo de alguma coisa” (DELEUZE, 2009, p. 105). Eis aqui, diante de nós, uma concepção jurídica e ética: os entes se definem pela sua potência, os afectos e afecções são seus devires, os devires são realizações de sua potência, o que o ego experimenta em ação ou paixão. A potência sempre é efetuada, a cada instante. A vida, em si, não é motivo de julgamento; única maneira de julga-la é inoculando-lhe tristeza, valores que a despotencializam. A experiência singular de cada indivíduo deve ser tratada como irreduzível. *Deus sive natura*. Cito novamente Álvaro de Campos, em *A passagem das horas, ode sensacionista*:

Não há maneira de se esquivarem a encontrar-me,
 Não há modo de eu não estar em toda parte
 O meu privilégio é tudo.
 Todos que se levantam cedo para ir trabalhar
 Vão da mesma casa para a mesma fábrica por o mesmo caminho...
 Toda a energia é a mesma e toda natureza é o mesmo...
 A seiva da seiva das árvores é a mesma energia que mexe as rodas da locomotiva,
 as rodas do elétrico, os volantes dos Diesel,
 E um carro puxado a mulas ou a gasolina é puxado pela mesma coisa
 [...]
 Máquina-universal movida por correias de todos os momentos de si para si,
 parada
 a criar violências de velocidades loucas.

Deleuze e Guatarri nos dizem que todos os devires e perceptos são moleculares, todos os encontros se dão conforme a potência molecular de cada corpo, a potência é ato, constante processo de produzir: produção e produto, registro e circulação, ao sabor do acaso, o inconsciente é que determina em maior parte a produção histórica. Os pensadores franceses tomam o inconsciente como um processo desejante, e não o inconsciente molar da psicanálise que é concebido como uma caixa de segredo onde estão alojados os traumas e as frustrações que explicam as neuroses e psicoses, a psicanálise limita o inconsciente captura apenas as instituições e a triangulação edipiana, etc. Certamente, as ações do ser humano derivam de suas necessidades: instintos primários, instintos vitais, pulsões, paixões, interesses, caracter, talentos, etc. e a realidade que da forma a estas necessidades é um mundo sócio-histórico: desta forma, dialética, vai se dando o desdobramento do espírito e o desenrolar da civilização. É claro, também, que não

atingimos o ideal de liberdade, este é o nosso interesse aqui, o que acontece é a tomada de consciência e controle de si, aqui e agora, tomada de consciência para se alojar melhor no corpo, realizar o melhor movimento. Não se trata, portanto, da consciência num nível transcendente, apesar do espírito, como disse Hegel, “superar sua forma temporal, e negar o tempo”, vemos que essa racionalização da consciência do espírito só vem a calhar para o princípio de realidade estabelecido historicamente: a ontologia tradicional, o Ser, a Essência. Vemos que esta afirmação de Hegel desdobra um agenciamento para alienação do aqui e agora, com vista em uma transcendência, e a alienação só é interessante para a dominação e a manutenção do poder do *status quo dominante*. Acreditamos que há algumas especulações metafísicas que não compensam, porque podem diminuir nossa potência, que é claramente percebido no nosso conatus. Mas com relação a metafísica das profundezas do inconsciente, esta investigação aparece com mais poder e entusiasmo, o revelamento das auto-afecções do desejo no seio da produção do devir, é uma metafísica potente, esta opinião é uma questão de afeto, talvez, o inconsciente na esquizanálise não é um teatro de papai-mamãe, não é nada além de multiplicidades moleculares, povoações, linhas, estratos, fuga, territórios, desterritorialização.

A teoria de Freud sobre o surgimento da civilização e do indivíduo nos dará algumas indicações do caminho a trilhar na colocação destes problemas, pois ela evidencia o primitivismo dos povos por trás do desenvolvimento e progresso, contudo ela se limita ao drama familiar, aqui postulamos a ir além. Nesta teoria, que culmina no complexo de Édipo, os processos de filogênese e de ontogênese (surgimento da civilização e do indivíduo) se dão sempre como consequência de repressão (ou recalque), que significa contenção, e sublimação, que significa canalização, ou seja, transformação e modelagem dos instintos e pulsões primitivas, que são essencialmente sexuais.

A civilização aparece-nos sempre em contradição com as pulsões primárias: que são definidas metafisicamente como: tendência inconsciente e permanente ao movimento, para o prazer ou para o fim da vida e o cessar da dor (Eros e Thanatos, respectivamente). O instinto primário é de carácter puramente animalesco e bestial, é uma tendência da qual não se pode fugir, está relacionado a sobrevivência, a reprodução, a respostas imediatas aos estímulos do meio, etc. A Pulsão por sua vez não é redutível ao biológico pois é moldada e modelável. É sustentado por Freud que a livre gratificação das necessidades instintivas do homem seria, pois, incompatível com a sociedade civilizada: dilatação e renúncia da satisfação constituem pré-requisitos do processo e do progresso que

este tipo de sociedade demanda. Porém, para Marcuse, no livro *Eros e Civilização*, a concepção teórica de Freud parece refutar a firme negação, que ele mesmo empreende, da possibilidade histórica de uma civilização não-repressiva. Após a chegada de Marcuse nos Estados Unidos da América, ocorre o despertar de seu interesse pelas teorias de Freud, e sua recepção desta teoria da alento a sua concepção utópica-revolucionária, que nos afirma que as realizações da sociedade contemporânea apontam para a abolição da repressão e para a emancipação do indivíduo, também para a possibilidade da transformação da sociedade e capacidades do indivíduo.

Marcuse encarna o otimista, não se interessa pela terapia psicanalítica, como Deleuze e Guatarri, ele afirma que a teoria de Freud é “sociológica” em sua substância e uma de suas teses mais fundamentais é de que o biologismo é uma teoria social numa dimensão mais profunda, e que nenhuma nova orientação cultural ou sociológica é necessária para revelar essa substância biológico-histórico-social e a possibilidade de sua emancipação. O fato é que a partir deste controle que incide sobre si mesmo, devido a incompatibilidade do princípio de prazer com a vida biológica, que para haver vida orgânica é necessário que o princípio de realidade se imponha, resultou, em sua forma histórica atual, na dominação (no sentido de escravização) do homem pelo homem, o que pode ser facilmente verificado se analisarmos a situação presente da civilização: há uma tremenda abundância de recursos disponíveis para a manutenção da vida e, em contraste, há má distribuição social do trabalho e diversos meios de perpetuação da dominação neo-colonial e exploração e extração de mais-valia, processos que atravessam o capitalismo liberal, de formação ampla, até culminar no capitalismo monopolista, e no capitalismo avançado, neoliberal.

A discriminação étnica, a hierarquia da ordem social, a meritocracia, os itinerários, carga de trabalho não-libidinal, o desprazer, o isolamento, os salários, a alienação, a condição da educação, os territórios marginalizados, os exércitos de reserva, nepotismo, corrupção, facismos etc., essas circunstâncias do modo de vida civilizado trazem a indagação: que princípio de realidade dominante condicionou e tem condicionado a vida desta maneira? Podemos, de cara, apontar o falseamento religioso da vida, pelo viés do paradigma platônico-socrático, que o cristianismo empreendeu, e também as filosofias idealistas como a de Hegel, que privilegiam a consciência e o abstrato como o motor da história ao invés do concreto, do corpo, da luta de classes. É preciso reforçar os procedimentos e ir nas vias do anti-platonismo. Deleuze e Guatarri

denunciam o complexo de Édipo como “ilusão inevitável” falsificando toda produção histórica. Veremos a que nível Édipo realmente representa a dinâmica do inconsciente do sujeito no capitalismo. Aqui cabe citar Marx e Engels novamente (2001, p. 78, p. 35):

As ideias dominantes; ou seja, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo sua força espiritual dominante. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe também dos meios de produção espiritual, o que faz com que sejam a ela submetidas, ao mesmo tempo, as ideias daqueles que não possuem os meios de produção espiritual. As ideias dominantes, são, pois, nada mais que a expressão ideal das relações materiais dominantes.

Os homens, até hoje, sempre tiveram falsas noções sobre si mesmos, sobre o que são ou deveriam ser. Suas relações foram organizadas a partir de representação que faziam de Deus, do homem normal, etc. O produto de seu cérebro acabou por dominá-los inteiramente.

O fato é que a cultura coage tanto a existência social como biológica do homem, e verte o “homem animal livre” em “ser humano escravo”, isto se dá, na metapsicologia, através de uma modificação histórica dos impulsos da espécie, filogeneticamente. Esta Razão, que pretende ser a essência do espírito é apenas a Razão/*Logos* da dominação, nos dirá Marcuse, da razão que subjuga os instintos, ao qual o homem e a natureza tem que estar sujeitos. Segundo Marcuse a história da ontologia revela o princípio de realidade que governa o mundo, a concepção de ser como Razão, que remonta Parmênides. A teoria freudiana elucubra um ataque a esta ontologia: segundo Freud, o Ser se desenvolve, ontogeneticamente, no campo do não-ser, esta fusão metafísica corresponde aos princípios que desenvolvem o organismo vivo, as pulsões originais: Eros e Thanatos, a função de Eros é unir a substância viva em unidades cada vez maiores e estáveis, literalmente, edificar sua estrutura-funcional, temporal-ontogenético-histórico, e Thanatos é a pulsão de morte, de função contrária, procura retorno ao estado pré-natal, onde não há necessidade e dor, tende portanto ao aniquilamento da vida e para o retorno a matéria inorgânica. Visto isto, há dois princípios que regem o organismo como um todo, que estão para além da razão, estão na pré-história da espécie e transformam-se formando o pré-consciente e inconsciente.

Além disto, nesta teoria, há três princípios fundamentais que regem a totalidade das funções do aparelho mental: princípio de prazer, princípio de nirvana e o princípio de realidade. O primeiro é justamente a sexualidade, na pré-história desta pulsão ela é indiferente ao seu objeto, seja o próprio corpo ou outro, tem caráter polimorfo. O organismo é sexualidade e necessita ser civilizado. No desenvolvimento do gênero

humano (filogenese), ou gênese da civilização, a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade ocorre primeiro na horda primordial, o super-ego é condicionado pelo arrependimento (culpa) do assassinio do pai. Quando o pai primordial monopoliza o poder e o prazer e impõe a renúncia por parte dos filhos, estes obrigatoriamente o aniquilam. Ontogeneticamente (no desenvolvimento do indivíduo) ocorre durante o período inicial da infância, onde a submissão é imposta pelos pais e educadores. Tanto no nível genético quanto no nível individual essa submissão é constantemente reproduzida e assim se desenvolve na criança a ainda potencial Razão. Na sociedade contemporânea o princípio de realidade está materializado num sistema de instituições, e o indivíduo crescendo neste sistema aprende os requisitos do princípio de realidade, que são os da lei e da ordem e transmite a geração seguinte. O pai tem seus direitos históricos, contudo, vemos que a razão se apresenta aqui não como essência, mas potência, afecto.

É celebre a frase de Marcuse: “O inconsciente retém os objetivos do princípio de prazer derrotado”, ele nos afirma que é através da história do *retorno do reprimido* que se revela o segredo do indivíduo e da civilização. A repressão é considerada um fenômeno histórico, portanto é imposta pelo homem e não pela própria natureza, segundo Freud, essa modificação repressiva dos instintos, sob o princípio de realidade, é imposta pela “eterna luta primordial pela existência [...] que persiste até hoje”, é universal e necessária. As carências: Ananke, ou necessidades vitais, ensinam ao homem que não pode gratificar livremente seus instintos, que não pode viver sob o princípio de prazer, contudo deduz-se disso que o motivo da sociedade impor essa modificação decisiva da estrutura mental é primordialmente econômico, portanto é um motivo histórico e não universal. Como não se tem meios suficientes para sustentar a vida de todos os membros da sociedade atual sem o trabalho, a sociedade tem que exercer o papel de desviar a energia sexual dos indivíduos para a labuta alienada. Marcuse considera essa concepção é antiga e só exerce racionalização da repressão. Freud considera “eterna” a “luta primordial pela existência” e, portanto, acredita que o princípio de prazer e o princípio de realidade são “eternamente” antagônicos. Segundo Marcuse, para a teoria psicanalítica, a proposição dessa eterna antagônia é fundamental, contudo a teoria contém elementos que transgridem essa racionalização; de modo a desfazer a tradição predominante do pensamento ocidental e sugerir até o inverso. Nas palavras de Marcuse (2010, p.): “o inconsciente é a mais profunda e mais antiga camada da personalidade mental, é o impulso de gratificação integral, que é ausência de necessidades ou carências vitais e de repressão.”

O inconsciente e o princípio de prazer compõem o ideal de liberdade realizados, e a busca do tempo perdido constitui o veículo de libertação na filosofia desse autor, isto é: a noção do retorno do reprimido na história: o indivíduo que reexperimenta e reinterpreta os grandes eventos traumáticos no desenvolvimento do gênero. Há constantemente uma dialética entre o indivíduo e o gênero (entre o particular e o universal).

Apresentaremos agora dois termos: a) Mais-Repressão: significa as restrições requeridas pela dominação social, remete a instituições específicas, distintas da repressão básica: que são as modificações dos instintos necessárias à perpetuação da raça humana em civilização. b) Princípio de desempenho: a forma histórica predominante do princípio de realidade.

Prosseguindo com a nossa investigação da origem da repressão, retornamos ao complexo de Édipo e a organização repressiva da sexualidade, do parricídio até a civilização o pai carrega seus direitos históricos, instaurados no superego, que é identificado com a Razão, é ele que se exprime no sentimento de culpa. Contudo, independente do parricídio, existe sempre a culpa a respeito de um ato que não foi realizado: a libertação. Freud formula algo que parece indicar isto:

[...] não é, realmente, uma questão decisiva se o indivíduo matou o próprio pai ou se se absteve desse ato. Ele sentir-se-à culpado, em qualquer dos casos, pois a culpa é a expressão do conflito de ambivalência, a eterna luta entre Eros e Thanatos, o instinto de vida e o instinto destrutivo ou de morte. (citação de Freud feita por Marcuse retirada de *Eros e Civilização*.)

O homem só pode tornar-se ele mesmo, ente racional e senhor de si, quando a transcendência for absorvida no aqui e agora, quando a liberdade for conquistada aqui e agora, e se tornar um presente e uma realidade: o prazer quer eternidade livre de qualquer culpa, o prazer quer vencer a morte. Neste contexto, Ser é, essencialmente, lutar pelo prazer, a ontologia tradicional toma mais um golpe, contesta-se a concepção de ser como *Logos*, razão suprema, e ergue-se a concepção do Ser em termos a-lógicos: Desejo e Prazer. Sobre isso Marcuse afirma (2010, p.):

Essa contratendência esforça-se por formular seu próprio *Logos*: a lógica da gratificação, [...] Freud compartilha dessa dinâmica filosófica. A sua metapsicologia, tentando definir a essência do ser defini-o como Eros - em contraste com a sua definição tradicional como Logos. O instinto de morte (Thanatos) afirma o princípio de não-ser (a negação de ser) contra Eros (o princípio essente). Sua fusão corresponde a fusão metafísica ubíqua de ser e não-

ser. Essa luta pela existência converte-se no impulso erótico, para combinar a substância viva em unidades cada vez maiores e mais duradouras e constitui a fonte instintiva da civilização.

Eros é, portanto, a “luta para formar a substância viva em unidades cada vez maiores, para que a vida possa ser prolongada e levada a um desenvolvimento superior”. Eros revela como o impulso biológico se converte em um impulso cultural, através da ideia de uma sublimação (modificação) dos instintos não-repressiva. Eros é construtor de cultura, e revela, segundo este autor, a possibilidade da civilização não-repressora. Volto a citar Marcuse (2010, p.):

A finalidade erótica de sustentar todo o corpo como sujeito-objeto de prazer requer o contínuo refinamento do organismo, a intensificação de sua receptividade, o crescimento de sua sensualidade. A finalidade gera seus próprios projetos de realização: a abolição do esforço (labuta alienada), o aperfeiçoamento do meio, o triunfo sobre as doenças e a decrepitude, a criação do luxo. Todas essas atividades fluem diretamente do princípio de prazer e, ao mesmo tempo, constituem um trabalho que associa os indivíduos às ‘maiores unidades’; não mais confinadas ao domínio mutilador do princípio de desempenho, eles modificaram o impulso sem desviarem sua finalidade. Há sublimação e, conseqüentemente, cultura; mas essa sublimação decorre num sistema de relações libidinais duradouras e em constante expansão, as quais, em si mesmas, são relações de trabalho.

O trabalho acompanhado de uma reativação de erotismo e prazer tende a tornar-se gratificador em si mesmo, sob condições não repressivas a sexualidade torna-se Eros, nas palavras de Marcuse: “Sexualidade polimórfica narcisista”. Polimórfica porque é genito-fugal, e narcisista porque é atividade lúdica, livro jogo das faculdades do indivíduo, e porque é auto-sublimação. Eros luta por eternizar-se numa ordem permanente. Marcuse nos diz que a escassez e a pobreza predominantes no mundo poderiam ser suficientemente dominadas de modo a permitir a ascendência da liberdade universal, de acordo com ele é um domínio auto-propulsor, um trabalho perpétuo, relações libidinais duradouras e expansivas (incluindo as relações de trabalho). O trabalho alienado não pode ser eliminado de uma vez da sociedade, a necessidade de trabalhar mecanicamente, desagradavelmente, de um modo que não representa a auto-realização individual. Contudo, como o trabalho se tornou desagradável ele mesmo está fora do domínio da necessidade do indivíduo em si, e isso aumenta o potencial de liberdade, sobre os caminhos para a libertação do proletariado Marcuse nos diz:

Aliviada dos requisitos de dominação, a redução quantitativa de tempo e energia laborais leva uma mudança qualitativa na existência humana: é o tempo livre, e

não o tempo de trabalho, que determina o conteúdo da necessidade instintiva. [...] Com a transformação da sexualidade em Eros, os instintos de vida desenvolvem sua ordem sensual, ao passo que a razão se torna sensual na medida em que abrange e organiza a necessidade em termos de proteção e enriquecimento dos instintos de vida - As raízes da experiência estética reelegem - não apenas numa cultura artística, mas na própria luta pela existência, ela assume uma nova racionalidade. O carácter repressivo da razão, que distingue o domínio do princípio de desempenho, não pertence ao domínio da necessidade per se.

Sob o princípio de desempenho, o princípio de prazer emerge sempre na forma do nirvana ou do princípio de morte, e a necessidade de gratificação final, ou definitiva, na sexualidade sob este princípio, nos diz Marcuse, a gratificação depende da suspensão da consciência e até do esquecimento. A reintegração da sexualidade em Eros é portanto meio para liberação do superego, por meio da rememoração de um elo perdido do ego com a realidade, um meio para racionalidade sensual, que contém suas próprias leis morais. Charles Odier nos sugere a ideia de uma moralidade libidinal, que não é estranha a psicanálise, ele propõe que uma parte do superego é “em última análise, a representante de uma fase primitiva, durante a qual a moralidade ainda não se emancipa do princípio de prazer”. Este autor, conforme Marcuse nos apresenta em seu livro, “fala de uma ‘pseudomoralidade’ pré-genital, pré-histórica, e pré-edípica, anterior a aceitação do princípio de realidade, e denomina o representante mental dessa ‘pseudomoralidade’ *superid*”. Esta instância aparece-nos como estranho vestígio de uma relação perdida entre ego e realidade. Marcuse o interpreta como “ímpeto para o reestabelecimento da unidade original” que foi dividida no pré-ego no “fluxo libidinal entre o bebê e a mãe”, é denominado Direito da Mãe. Sobre isto, novamente as ponderações de Marcuse (2010, p.) são esclarecedoras:

O impulso para reestabelecer a perdida unidade narcisista-maternal é interpretado como uma ameaça nomeadamente uma ameaça de ‘absorção maternal’ pelo ‘ventre irresistível’. O pai hostil é exonerado e reaparece como o salvador que, ao punir o desejo de incesto, protege o ego de seu aniquilamento na mãe. Não se levanta a questão de saber se a atitude narcisista-maternal, em relação a realidade, não pode ‘retornar’ em formas menos primordiais e devoradoras sob o poder do ego maduro numa civilização maura. Pelo contrário, a necessidade de suprimir essa atitude de uma vez para sempre é aceita como fato axiomático. O princípio de realidade patriarcal mantém ascendência sobre a interpretação psicanalítica. Somente para além desse princípio de realidade é que as imagens ‘maternais’ do superego transmitem promessas, em vez de vestígios de memória - imagens de um futuro livre, em lugar de um passado obscuro.

O super id revela a possibilidade histórica de uma sociedade não repressiva. Estamos convencidos de que a vontade subjetiva, o desejo e o princípio de prazer, em

uma instância específica, podem convergir no princípio de realidade, e deste modo unir-se à razão para a plena realização da vida ética num estado não-repressor (nunca realizado historicamente, porém possível). Uma cultura que seja orientada para liberdade e não para a dominação-repressão, onde o interesse social seja focado no interesse da satisfação individual das necessidades, onde reduz-se cada vez mais a jornada de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Logo no início dos **Desenvolvimentos** deste ensaio tomamos posição de enfrentamento da filosofia da história de Hegel, mas é forçoso admitir que o tempo presente temos necessidade da história para a vida e não para a alienação, não para adiantar o trabalho do coveiro, nas palavras de Nietzsche: “não para afastarmo-nos preguiçosamente da vida e da ação, nem, muito menos, para embelezar esta vida egoísta e a nossa atividade branda e inútil”. É oportuno também mencionar Gilberto Gil:

A cultura, a civilização só me interessam enquanto sirvam de alimento, enquanto sarro, prato suculento, dica, pala, informação, elas que se danem, ou não, somente me interessam contanto que me deixem meu licor de jenipapo no papo, somente me interessa ficar com minha vida na mão.

Voltando a falar das multiplicidades, em estado de substantivo, digo que são a própria realidade, sem supor nenhuma unidade e sem remeter a nenhum sujeito, Deleuze e Guattari nos dizem que esta terminologia – unidade e sujeito – são, em sua substância, processos que aparecem e se produzem nas multiplicidades, elas mesmas ultrapassam a natureza e a história, corpo e alma, consciente e inconsciente, natural e artificial. E é neste nível que a história universal da contingência se atualiza e se expande. Retomo a questão primordial, que é: como se dá o constante realizar do tornar-se? Quais multiplicidades o determinam, este fenômeno que surge aos sentidos do corpo e da alma, apresentando-se imediatamente na história? Como pode o ser humano animal escravo de suas velocidades e da cultura emancipar seus instintos e tornar senhor de si, para a transformação da cultura?

Este fenômeno, de encontros multidimensionais, do homem, da história e do além do homem e da história, é mais simples se visto pelo prisma da cultura e da história, e se analisamos a dialética da civilização com os instintos, para elucubração destes problemas expomos a teoria de Freud confrontada pela teoria social de Marcuse. É confuso, a mistura deste biologismo transcendente com uma teoria social, mas a realidade só nos oferece mistos, como diria Bergson, e é papel da intuição resolver estes problemas. Kant mostrou que a razão busca de um modo subjectivo a unidade sistemática de todos seus conhecimentos, a estes conhecimentos não provenientes da experiência sensível chamou

de razão pura, e de acordo com ele, busca por linhas de orientação que confluem para um único ponto, virtual e comum, não pode ser representado. É o anti-fenômeno, o não-estruturado, o inconsciente, as esferas transcendentais no horizonte da razão: Deus, Alma, Mundo. Todos os conceitos, afinal, tem suas zonas de indiscernibilidade. Faço a citação que acredito ser a mais acertada de Hegel para fechar: “A história universal não é o palco da felicidade”, (filó da história).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Capitalismo e esquizofrenia 1 – O anti-Édipo*. Tradução. de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução – Rizoma. Tradução de Aurélio Guerra Neto. In: _____. *Capitalismo e esquizofrenia 2 – Mil Platôs*, v. 1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G. *Cursos sobre Spinoza* (Vincennes, 1978-1981). Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jefferson Alves de Aquino. Fortaleza: EdUECE, 2009.

HEGEL, G. W. F. *Filosofia da História*. 2. ed. Tradução de Maria Rodrigues e Hans Harden. Brasília/DF: Editora UNB, 1998.

MARCUSE, H. *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 8. ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Tradução de Luís Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NIETZSCHE, F. *Considerações intempestivas*, tradução de Luiz de Azevedo, 1976, Lisboa; São Paulo: Editorial Presença; Livraria Martins Fontes, 1976.

Pessoa, F. *Poemas de Álvaro de Campos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012 (Saraiva de Bolso).